

A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA ADOLESCENTES E SUAS REPERCUSSÕES NA SOCIABILIDADE E NA VIDA ACADÊMICA DOS ESTUDANTES DO IFBA SANTO AMARO

Zilma dos Reis Mendes¹
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB
Zil_mendes@hotmail.com

INTRODUÇÃO

O presente estudo, procura discutir as consequências do fenômeno violência doméstica na vida acadêmica e na sociabilidade dos estudantes contemplados pela Política da Assistência estudantil, incluídos no programa de Apoio ao Estudante (PAAE) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBA) em Santo Amaro, Bahia.

A inserção como estagiária de Serviço Social no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia – Campus Santo Amaro, suscitou na autora o interesse por pesquisar a temática da violência doméstica, presente nas demandas postas para o Serviço Social da instituição, e observada a partir da aplicação dos instrumentais técnicos do serviço social como a entrevista social, estudo sócio econômico e também nas atividades individuais e grupais, onde se detectou que estudantes eram submetidos a diversos tipos de violência associados aos abusos físicos, psicológicos, verbal e sexual dentro dos seus lares.

Neste sentido, o objetivo principal desta pesquisa foi o de compreender como as consequências da violência doméstica repercutem na sociabilidade e na vida acadêmica das jovens em questão.

De acordo com o pensamento de Minayo (1994), o fenômeno da violência é histórico e acompanha as gerações num movimento de produção e reprodução no meio social apresentando-se nas mais variadas formas, dentre elas a violência doméstica, que decorre das estruturas organizadas e institucionalizadas como a família, o sistema econômico, cultural e também da estrutura política.

¹ Graduanda em Serviço Social do oitavo período da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Trabalho orientado pela Professora Mestra Simone Brandão Souza.

Além da violência estrutural, que no seu processo de reprodução tem gerado um nível de conflito social exacerbando e se expressa em mudanças de padrões culturais e em altas taxas de mortalidade, há outra forma menos letal, mas também altamente prejudicial à infância e a adolescência. Trata-se da violência doméstica, componente relevante da violência cultural interpessoal (MINAYO e ASSIS, p.265).

Para a autora a violência doméstica seria, portanto uma expressão da violência estrutural.

Entendendo que a violência também se encaixa no conceito de ruptura de qualquer forma de integridade da vítima, pode-se afirmar que quando esta vítima é um adolescente as consequências tendem a ser mais complicadas, pois estes ainda estão num processo de formação de identidade onde existe uma 'inter-relação entre os aspectos individuais, a socialização, o desenvolvimento cognitivo e os valores construídos ao longo das experiências vividas'. (SILVA & PEREIRA, p.911, 2008).

Partindo desse entendimento e a partir da constatação da ocorrência de violência doméstica através dos relatos dos alunos do IFBA quando de suas inclusões no programa de Apoio ao Estudante, surgiu a necessidade de pesquisar esse importante fenômeno, entendendo sua influência no desenvolvimento acadêmico e na sociabilidade dos estudantes, investigando se existem comportamentos violentos entre os estudantes do IFBA de Santo Amaro além de observar se há relação entre a violência doméstica, o comportamento dos jovens na escola e o rendimento escolar.

A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA COMO OBJETO DE ESTUDO

A violência doméstica, compreendida como um fenômeno 'que ocorre entre os parceiros íntimos e entre os membros da família, principalmente no ambiente da casa, mas não unicamente, inclui as várias formas de agressão contra crianças e jovens, contra a mulher ou homem e contra idosos no âmbito doméstico. Considera-se que a violência intrafamiliar é em geral, uma forma de comunicação entre as pessoas e, quando numa família se detecta um tipo de abuso, com frequência, ali existe uma inter-relação que expressa várias formas de violência'(MINAYO 2006, p.80 apud MONTEIRO, p.482).

Neste sentido pode ser potencializada por diversos fatores de ordem social / cultural como a pobreza, o desemprego a exclusão social, o consumo e o tráfico de drogas, o alcoolismo entre outros.

É sobre a violência perpetrada contra crianças e adolescentes que este trabalho se debruça. Sobre esse tipo de violência a Organização Mundial de Saúde se pronuncia da seguinte forma:

A violência contra crianças e adolescente existe em todos os lugares, em todos os países e sociedade e afeta todos os grupos sociais [...] A maior parte dos atos violentos contra crianças e adolescentes é realizados por pessoas que eles conhecem e em que eles deveriam poder confiar [...] Sendo que as consequências podem variar de acordo com a natureza e a gravidade da violência infligida, as repercussões a curto e a longo prazo para crianças e adolescentes e para da sociedade são graves e prejudiciais. (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2008 apud MONTEIRO, 2010, p.483).

A violência doméstica, de acordo com dados da OMS, atinge mais de 150 milhões de meninos e meninas no mundo. Também no Brasil, de acordo com Ribeiro, Ferreira e Reis (2004, p.457 apud MONTEIRO, p. 484), este é um fenômeno que vem se agravando intensamente, no entanto há baixa notificação dos eventos e estima-se que menos de 10% dos casos cheguem as delegacias, ou seja, trabalha-se com a subnotificação dessa modalidade de violência doméstica.

Nesse sentido, os casos de violência doméstica praticados contra crianças e adolescentes registrados no Brasil em Conselhos Tutelares, Delegacias, Hospitais e Instituto médico – legais representam apenas uma alerta, “não revelam a verdadeira dimensão do problema, pois os levantamentos oficiais são precários e os dados obtidos são uma pequena parte do real.” (Day et al.p.13, 2003).

Essa invisibilidade da violência doméstica se dá também porque ao ocorrer no espaço familiar é muitas vezes justificada por uma cultura que é patriarcal e machista, onde se naturaliza a utilização de algum tipo de violência como forma de educar os filhos.

São diversas as formas de violência praticadas contra adolescentes no âmbito doméstico ou familiar², podendo-se citar o abuso físico, caracterizado por espancamentos, o abuso sexual, agressões verbais e ainda a omissão.

De acordo com Monteiro (2010) a violência ou abuso físico cometido contra criança ou adolescente se caracteriza pela ação intencional ou acidental, por meio da força utilizada por um adulto que provoque injúrias, dor ou ocasione consequências leves ou extremas, como a morte. Este tipo de violência é muito freqüente visto que as vítimas em geral não possuem meios de se defender.

²Âmbito da família compreendida como a comunidade formada por indivíduos que são ou se consideram aparentados, unidos por laços naturais, por afinidade ou por vontade expressa. (Ministério Público do estado da Bahia, p.8, 2010).

A violência ou abuso sexual é conceituado como práticas sexuais, eróticas ou pornográficas impostas por meio de aliciamento ou violência física e cometidas pelo agressor visando estimular ou utilizar a vítima para obter prazer sexual.

De acordo com Habigzang (2005 e p.341) o abuso sexual contra adolescentes provoca varias consequências para o desenvolvimento cognitivo, afetivo e social da vítima e de sua família. Outras formas de violência podem também estar atreladas a este tipo de violência como a negligencia e os abusos físicos e emocionais.

Ainda de acordo com a autora “o abuso sexual é desencadeado e mantido por uma dinâmica complexa” em que o agressor utiliza um jogo emocional com a vítima buscando coagi-la e mantê-la sob ameaças.

Como a maioria dos casos de violência sexual contra adolescente ocorre dentro da própria casa, configura-se como abusos incestuosos posto que os pais biológico e os padrastos aparecem como principais agressores.(Habigzang, 2005, p.341).

Estudo realizado entre os anos de 1992 e 1998 no Ministério Público do Rio Grande do Sul mostra que a maioria das vitimas de abuso sexual era do sexo feminino (80%), com relação à idade que se iniciou o abuso a maioria encontra-se dividida em faixas etárias abaixo de 12 anos: entre 2 e 5 anos (10,6%), entre 5 e 10 anos (36,2%) e entre 10 e 12 anos (19,1%). Apesar da maioria das vítimas ter até 12 quando o abuso sexual se iniciou, a detecção da situação abusiva só se deu após os 12 e até os 18 anos para quase metade das vítimas investigadas (42,6%).

Já à violência psicológica ocorre por agressões verbais e gestuais, com o objetivo de atemorizar, rejeitar, envergonhar a vítima, restringir sua liberdade ou isolá-la do convívio social. Este tipo de violência se constitui na forma mais subjetiva embora seja frequentemente associada à agressões corporais e deixa profundas marcas no desenvolvimento, podendo comprometer toda a vida emocional. (Day et al. p.13, 2003).

No que se refere à negligência ou omissão é entendida pelos autores estudados como a ausência, a negação, ou a deserção de cuidados necessários a alguém de deveria receber atenção e cuidados quando isso é essencial ao seu desenvolvimento sadio, podendo se apresentar sob dois aspectos: físicos e emocional.

A violência contra crianças e adolescente implica de um lado, transgressão do poder de proteção do adulto e de outro, coisificação da infância, isto é, negação do direito que a criança e adolescente têm de ser tratados como sujeitos e pessoas em condição peculiar de desenvolvimento. (Day,Telles, 2003.p.13)

Todas as formas de violência aqui elencadas são capazes de provocar vários prejuízos às vidas dos adolescentes vitimados, acarretando diversas sequelas que poderão repercutir em toda a sua vida.

Compreender, as consequências da violência doméstica, implica também em desvendar seus fatores determinantes, conhecer a instituição social onde ela é praticada e onde os adolescentes estão inseridos a maior parte das suas vidas: a família.

Assim, partimos da compreensão de família como uma construção social que sofre influência cultural, social e política de acordo com cada época. Neste sentido as famílias vão se constituindo e se organizando historicamente, e nesta construção a violência, no âmbito das relações familiares e no processo de socialização dos indivíduos, está presente.

A noção de família define-se, assim, em torno de um eixo moral. Suas fronteiras sociológicas são traçadas segundo o princípio da obrigação, que lhe dá fundamento, estruturando suas relações. Dispor-se às obrigações morais recíprocas é o que define a pertinência ao grupo familiar (SARTIL p.33, 2011).

A família é, portanto uma instituição com muito valor e é nela que os adolescentes iniciam o processo de construção de sua sociabilidade, sua identidade e dos seus valores. Contraditoriamente é nelas também que muitas vezes os direitos dos seus membros são violados.

Pensar a família como lócus da violência implica em pensar os papéis dos indivíduos no modelo hegemônico de família na sociedade ocidental: monogâmico e patriarcal. Em especial a partir da divisão de gênero. Conforme afirmam alguns estudiosos da área, os papéis sociais do homem e da mulher diferem de acordo com a construção dos papéis de gênero: “ tudo aquilo que é associado ao sexo biológico fêmea ou macho, em determinada cultura, é considerado papel de gênero. Estes papéis mudam de uma cultura para outra”.(GROSSI, p.6, 1998).

A construção de gênero é marcada por fatores históricos e culturais, pelas relações simbólicas, bem como pela biografia de cada indivíduo e dos grupos sociais o que gera, a depender de cada contexto social, diferentes hierarquias e modos de relação de gênero, com divisões marcadas tanto dos espaços privilegiados do homem e da mulher, quanto dos seus papéis sociais.

Neste sentido o público e o privado se apresentam como diferenciadores do espaço de homens e de mulheres, em que configurações de divisão de trabalho e de pensamento de atividades vão ser pensadas no que é permitido para homens e para mulheres, no sentido de

espaço social e até geográfico em que o espaço privado se configura como doméstico, portanto feminino, e o público como espaço mais amplo, portanto masculino, criando distinções e diferenciação nas identidades de gênero.

De acordo com Saffioti (2004), gênero é uma categoria social e histórica, portanto uma construção social. Neste sentido, é importante que percebamos o lugar que foi atribuído à mulher nessa concepção de gênero para entendermos as raízes históricas da violência familiar, em especial a violência de gênero.

Sabe-se que nossa sociedade patriarcal foi regida por dois princípios básicos quais sejam, que as mulheres estão hierarquicamente subordinadas aos homens, e os jovens hierarquicamente subordinados aos homens mais velhos.

Pensando na lógica patriarcal acima citada Sarti (2011) afirma que o homem, a mulher e a criança tem seus espaços definidos na família. Dentro desta lógica sexista, cabe ao homem chefiar a família enquanto a mulher deve ser chefe da casa neste caso o homem é “autoridade moral, responsável pela respeitabilidade familiar” Sarti (2011, p.63).

Com relação as crianças, os pais sempre esperam algum tipo de retribuição ou seja, dos filhos adultos espera-se uma retribuição moral, enquanto das crianças espera-se que estas simplesmente obedçam. Percebe-se que existe uma lógica arraigada na sociedade na qual existem papéis diferentes para homens e mulheres e adultos e crianças, o que se constitui em uma relação hierárquica - de gênero e geracional - na maioria das relações familiares, que termina nos mais vulneráveis ou seja os filhos. “Assim, o gênero, a família e o território domiciliar contêm hierarquias, nas quais os homens figuram como dominadores-exploradores e as crianças como os elementos mais dominados-explorados” (SAFFIOTI, 2004, p.74). Apesar da violência doméstica ser majoritariamente praticada por homens, as mulheres também são protagonistas desse tipo de violência, particularmente quando são cometidas contra crianças e adolescentes.

Os diversos tipos de violência por se produzirem e reproduzirem no ambiente doméstico são de difícil detecção e assim os adolescentes terminam de alguma maneira levando para outros espaços, mesmo de forma invisível, as consequências dos atos violentos vividos.

Nesta perspectiva, a escola apresenta-se como espaço privilegiado onde os efeitos da violência doméstica podem se apresentar, pois além da instituição familiar é na escola que os adolescentes passam boa parte de suas vidas.

A violência na escola não pode ser analisada como um fenômeno isolado, ela é parte de um processo, que vai além da escola, pois abrange uma série de fatores que envolvem o

contexto social. Na medida em que estudantes tem seus direitos violados no âmbito doméstico estes podem chegar no ambiente escolar com sérios comprometimentos não só físicos como emocionais, no entanto não só fenômeno da violência doméstica é invisível, mas também o adolescente vítima dessa violência

Retomando o conceito de violência estrutural de Minayo (1994), pode-se dizer que é aquela decorrente tanto das estruturas organizadas e institucionalizadas como a família, o sistema econômico, cultural e da estrutura política que resulta na opressão do indivíduo. Neste sentido a violência que os jovens estão sujeitos não pode ser dissociada do contexto social.

Compreender as possíveis consequências que este tipo de violência pode ocasionar no âmbito escolar é de fundamental importância, pois além do ambiente familiar a escola é o local onde os jovens permanecem por mais tempo. A situação de violência doméstica traz consequências que muitas vezes não são percebidas na escola, o que torna o problema invisível, mas é preciso um olhar atento para atitudes e comportamentos dos estudantes, pois estes podem ser reflexo da violência doméstica. “Quando não se é visto e se vê, o mundo oferece o horizonte, mas furta a presença verdadeira que depende da intenção, da troca, do reconhecimento, da relação humana. [...] Não ser visto significa não participar não fazer parte, estar fora, tornar-se estranho” (SOARES, p.167).

De acordo com Soares o sujeito quando vive o ato de não ser visto desenvolve um sentimento doloroso do não pertencimento este “sentimento é introduzido nas pessoas tanto na infância quanto na adolescência nas diversas instituições sociais como a escola e a família”.

A partir do conceito de invisibilidade podemos relacionar o fenômeno da violência doméstica refletido no âmbito escolar, onde não só a violência doméstica é invisível, mas também os adolescentes vítimas dessa violência.

Pode-se considerar que as transformações ocorridas no âmbito da instituição familiar ao longo dos tempos influenciam diretamente o processo de sociabilidade tanto das crianças quanto dos adolescentes, pois estes são os membros mais vulneráveis dentro desta instituição. Neste caso quando ocorrem conflitos ou rupturas neste ambientes as crianças e os adolescentes são diretamente afetados por não terem a personalidade formada, tampouco autonomia. Isso revela a importância de se tornar visível a violência doméstica praticada contra adolescentes.

O ECA E A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA: PROTEÇÃO X VIOLAÇÃO DE DIREITOS

A adolescência é uma etapa da vida onde os jovens devem contar com uma proteção integral, ou seja, proteção da família, do Estado e da comunidade como Estabelece a Constituição Federal de 1988 e o Estatuto da Criança e do Adolescente promulgado em 1990.

Neste sentido o Estatuto da Criança e do Adolescente é uma norma geral de proteção integral a esta parcela da população e aborda a violência contra a criança e o adolescente em vários artigos dentre estes destaca-se o Artigo 5º: o qual dispõe que nenhuma criança e adolescente será tida como “objeto de forma de negligencia, exploração, violência, crueldade e opressão, punido na forma da lei qualquer atentado, por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais” (Brasil 1990).

No entanto apesar das Leis estabelecerem o direito a cidadania para as crianças e adolescente, nem sempre esta é a realidade com a qual nos deparamos. Neste sentido a violência se materializa nos mais variados espaços sociais, porém nos últimos anos a escola vem sendo apontada como locus de produção e reprodução de violências e indisciplinas nas mais variadas formas, ou seja, as escolas estão se transformando em territórios de agressões e conflitos. Porém essa violência não pode ser avaliada fora do contexto social, e familiar no qual os adolescentes estão inseridos.

A violência doméstica é um fenômeno capaz de gerar nos adolescentes diversas consequências o que pode trazer sérios danos no processo educacional. Portanto, tudo que ocorre no ambiente familiar tende a refletir negativamente ou positivamente no âmbito escolar, reflexos que podem ser observados através do rendimento escolar, do comportamento e da interação do estudante com a comunidade escolar.

Mas se a violência doméstica é invisível, muitas vezes suas sequelas também o são no ambiente escolar. Neste caso, os adolescentes que tem seus direitos violados no ambiente doméstico, podem ter mudanças no seu comportamento na escola. Estas transformações, que são consequências deste tipo de violência, na maioria das vezes não são percebidas pelos educadores e são interpretadas de forma equivocada e enfrentadas através da estigmatização destes alunos.

Percebemos a partir das reflexões realizadas até aqui, quão importante é refletir sobre as possíveis consequências que a violência doméstica pode ocasionar na vida dos adolescentes, em especial no âmbito escolar, espaço que pode favorecer, a partir de uma educação libertadora a promoção do crescimento e empoderamento dos indivíduos. Desse modo o estudo procurou compreender as repercussões deste tipo de violência na vida acadêmica e na sociabilidade dos estudantes.

PERCURSO METODOLÓGICO

O objeto desta pesquisa foi identificado a partir da inserção da autora, no campo pesquisado, o IFBA de Santo Amaro, como estagiária do Curso de Serviço Social da UFRB. Nesse sentido, a percepção da importância de realização desse estudo se deu quando da participação no processo seletivo de alunos para o Programa de Apoio ao Estudante (PAAE) 2011, posteriormente quando da implementação do projeto de intervenção da disciplina estágio supervisionado em Serviço Social

O estudo trabalhou com o método qualitativo. Segundo Chizzotti (2008) a pesquisa qualitativa é um método que trabalha com o universo de significados, crenças valores e atitudes levando em consideração os significados que os indivíduos dão as suas ações, estabelecendo uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito. Assim ao escolher o método que melhor desvendasse o fenômeno da violência doméstica e sua repercussão na vida acadêmica e na sociabilidade dos estudantes contemplados pela Assistência Estudantil incluídos no Programa de Apoio ao Estudante (PAAE) ³2011 do IFBA Santo Amaro, levamos em consideração essa relação que se estabelece entre o mundo real e o sujeito.

A coleta de dados se apoiou no procedimento técnico de entrevista semi estruturada. A amostra foi selecionada a partir dos seguintes critérios, Jovens e adolescente de 16 a 20 anos inscritos no (PAAE) 2011⁴, que vivenciaram ou sofreram violência doméstica.

Esta pesquisa delimita a faixa etária entre 16 e 20 anos esta baseada no Estatuto da Criança e do Adolescente bem como no Estatuto da Juventude que de forma normativa define juventude no Brasil de quinze a vinte e nove anos.

Após a identificação através dos questionários utilizados pelo Serviço Social no processo seletivo para ingresso no (PAAE) os estudantes foram convidados a participar das entrevistas no próprio IFBA esclarecendo individualmente o objetivo da pesquisa de forma clara e objetiva.

Garantiu-se o anonimato nas entrevistas utilizando-se nomes fictícios . Foram realizadas um total de cinco entrevistas individuais.

³ Este programa desenvolve ações de seleção e acompanhamento dos estudantes em situação de vulnerabilidade socioeconômicas, podendo-o inseri-los, de acordo com sua demanda nas seguintes modalidades: Auxílio transporte, auxílio moradia, auxílio para aquisição de viagens, bolsa alimentação, bolsa vinculadas a Projetos de incentivo à aprendizagem – PINA, bolsa de estudo, auxílio copia e impressão e Intercambio Cultural.

⁴ O PAE 2011 contou com 101 estudantes inscritos e aproximadamente 90 deles vivenciaram conflitos familiares violentos e nove deles tem histórico de violência doméstica.

Para análise dos dados, utilizou-se o método de análise de conteúdo, a partir do estudo de determinadas categorias e seus significados, presentes nos discursos das entrevistadas. De acordo com Fernandes (2007,P.21) analisar o discurso implica interpretar os sujeitos falando, tendo a produção de sentidos como parte de suas atividades sociais. “A ideologia se materializa no discurso que por sua vez, é materializado pela linguagem” [...]

Assim para analisarmos o discurso, temos que levar em consideração que o mesmo não é fixo e depende do contexto social. Neste sentido a noção de discurso está permeada por determinantes históricos sociais.

A pesquisa teve por referencial teórico o materialismo histórico dialético porque é através da história que se percebe a produção do discurso, que por sua vez, sempre aparece como legitimador de determinado fato histórico.

De acordo com Minayo e Arendt as situações de violência não podem ser dissociadas das relações estruturais de uma sociedade. Neste sentido tomemos o pensamento de Engels sobre o materialismo histórico.

(...) o termo para designar aquela concepção do curso da historia que busca a causa última e a grande força que movimenta todos os eventos históricos importantes no desenvolvimento econômico da sociedade, nas transformações do modo de produção e de troca, na conseqüente divisão da sociedade em classes distintas e nas lutas dessas classes uma contra a outra.(ELGELS, 1892, apude FERNANDES, 1989,p.112).

A dialética é portanto o fio condutor do materialismo histórico por permitir o entendimento de uma dada realidade social a partir das transformações antagônicas. Para Kolder (1981) A dialética “é o modo de pensarmos as contradições da realidade, o modo de compreendermos a realidade como essencialmente contraditória e em permanente transformação.”

Portanto esta pesquisa buscou através do método dialético a compreensão do fenômeno da violência contra jovens numa perspectiva critica reflexiva da realidade destas adolescentes, considerando que a realidade social é construída historicamente

ANÁLISE PRELIMINAR

O estudo, ainda com resultados preliminares, confirma alguns dados de outras pesquisas de violência doméstica como o fato de que as mulheres são as maiores vítimas desse tipo de violência. Entre os alunos incluídos no Programa de Apoio ao Estudante de

2011 do IFBA Santo Amaro, público alvo de nossa pesquisa, somente mulheres declararam ser vítimas de violência doméstica. Estas compuseram nossa amostra.

Seus relatos revelam que suas mães também tiveram histórico de violência doméstica, mostrando uma cadeia de reprodução dessa modalidade de violência no seio da família, em especial contra as mulheres.

A violência doméstica parece ter um poder destrutivo na vida de alguma dessas jovens, pois afirmam adoção de comportamento agressivo além do uso de algum tipo de droga lícita e ilícita, após os eventos de violência.

Na percepção das entrevistadas os efeitos da violência sofrida interferem no seu rendimento escolar, e na sua sociabilidade não só na escola como em outros ambientes e referem perda de confiança nas pessoas.

Associam a violência doméstica com destruição e não só se dizem destruídas como também afirmam desejo de “destruir” o outro, demonstrando uma auto-estima fragilizada pela violência sofrida.

A figura do professor soa para algumas como ameaçadora e numa atitude defensiva e agressiva entram em conflito com professores e outros profissionais da escola, gerando desestímulo pelo estudo e queda no rendimento escolar.

Constatou-se também que as jovens conhecem de forma superficial o Estatuto da Criança e do Adolescente e algumas desconhecem as redes de proteção de direitos existentes no Município e referem descrença na justiça e no sistema protetivo de direitos.

CONCLUSÃO

A partir das reflexões realizadas e da análise de dados, ainda preliminares, podemos perceber o quanto é relevante compreender as manifestações sociais no que diz respeito ao fenômeno da violência doméstica na vida acadêmica e na sociabilidade das jovens estudantes.

Assim a ida a campo constituiu-se num momento de desafio que possibilitou identificar que a violência doméstica que atinge a vida dos adolescentes, na percepção dos mesmos, interfere em seus comportamentos e rendimento escolar.

Pode se considerar que a partir do ECA as crianças e adolescentes passaram a contar com uma rede de proteção através de políticas que objetivam garantir seus direitos, no entanto estes são negligenciados e violados cotidianamente tanto no âmbito doméstico como pelo próprio Estado, através por exemplo da morosidade da justiça, da dificuldade de acesso à mesma e da fragilidade de organismos que deveriam fiscalizar o cumprimento do ECA.

As análises até então apresentadas, evidenciam que as adolescentes pesquisadas tem seus direitos violados no ambiente privado e público e que o sistema de garantia de direitos também se apresenta como violador. Neste caso concluímos que o caminho possível para combater a violência doméstica é a participação ativa da sociedade de forma geral. Para isso não é necessário criar novas leis, mas sim fiscalizar e efetivar as que já existem.

REFERÊNCIAS

BRASIL, **Estatuto da Criança e do Adolescente**: Lei Federal nº 8.069/1990.

CHIZZOTTI, Antonio: **Pesquisa em Ciências Humanas Sociais**, São Paulo, Cortes, 2008.

DAY, Vivian Peres et al.: **Violência doméstica e suas diferentes manifestações**,2003.

FERNANDES, Florestan: **K. Marx F. Engels**, 1889.

GROSSI, Miriam Pilar: **Identidade de gênero e sexualidade**, 1998.

HABIGZANG, Luísa F. et al.: **Abuso sexual e Dinâmica Familiar: Aspecto observado em processo jurídico**. Rio Grande do Sul: 2005.

MINAYO, Maria Cecília de S.: **A violência Social sob a Perspectiva da Saúde Pública**: Rio de Janeiro, 1994.

MONTEIRO, Fernanda de Oliveira: **Plantão Social: espaço privilegiado para identificação/notificação de violência contra criança e adolescentes**,São Paulo, 2010.

PEREIRA, Beatriz Oliveira & SILVA, Angélica Marta Lossi: **A violência como fator de vulnerabilidade na ótica de adolescente escolares**, São Paulo, 2008.

SARTI, Cynthia Andersen, **Famílias enredadas**. In: Acosta, Ana Rojas, VITALE, Maria Amália Faller (org.). **Família: redes, laços e políticas públicas**. Cortez. Instituto de Estudos Especiais – PUC/SP. 2005.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani: **Gênero, Patriarcado, Violência** – São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2004.

SOARES, Eduardo Luis: **Cabeça de Porco: Invisibilidade e Reconhecimento**. Objetiva, Rio de Janeiro, 2005.